

Psicanálise e educação: pensando a formação docente para o século XXI

Psychoanalysis and education: thinking about teachers training in the 21st century

Flávia Andréa Velasco Pennachin

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática da Universidade Federal do ABC, Brasil.

Maisa Helena Altarugio

Docente do curso de Licenciatura em Química e do Programa de Pós-Graduação em Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática da Universidade Federal do ABC

Resumo

Há muito tempo a discussão sobre o encontro entre a educação e a psicanálise se faz presente em ambos os campos. Esta prática vem sendo ampliada quando se considera a constituição do sujeito na Psicanálise: agir na educação sob a ótica psicanalítica é considerar o sujeito (professor e aluno) e suas faltas, sabendo que o resultado nunca será predeterminado. A construção da relação ensino-aprendizagem se faz, sob a luz da Psicanálise, por meio da construção da relação subjetiva professor-aluno, considerando estes atores em suas vicissitudes e desejos. Este trabalho tem como objetivo discutir a interface destes campos, entendendo que a partir do momento em que os aspectos integrais do sujeito são considerados durante o processo de ensino-aprendizagem (ser biopsicossocial e cultural), torna-se possível a construção da subjetividade e, conseqüentemente, a construção do saber, mesmo dentro da diversidade.

Palavras chave: formação docente | psicanálise | subjetividade.

Abstract

It has been a long time that a discussion between psychoanalysis and education is present in both fields. This practice has been magnified when it considers the constitution of the subject in psychoanalysis: acting in the education under the psychoanalytic point of view is to consider human being (teacher and student) and his faults, knowing that the outcome of this relationship will never be predetermined. In the light of psychoanalysis, the construction of the teaching-learning relation is done through the construction of the subjective relationship between teacher-student, considering their affairs and desires. The objective of this paper is to discuss the interface of these fields, understanding that from the moment the integral aspects of the subject are considered during the teaching and learning process (bio psychosocial and cultural aspects), the construction of the subjectivity is possible and, as a consequence, the knowledge construction, even within diversity.

Keywords: teachers education | psychoanalysis | subjectivity.

1. INTRODUÇÃO

As novas exigências sociais acerca da globalização, inovações tecnológicas e competitividade mundial são os principais alicerces do pensamento e transformações contemporâneas em relação à educação. As mudanças socioculturais, ocorridas principalmente a partir dos últimos vinte anos do século passado, demandaram transformações na formação de novos profissionais da educação, com conseqüente necessidade de construção de conhecimento multidisciplinar com vistas à força produtiva tanto no caráter técnico como científico (MACE-DO, 2005).

Desde os anos de 1990, as propostas metodológicas em relação à educação têm se expandido, relacionando como objetivos da educação a justiça social, a prática cidadã e o desenvolvimento do pensamento crítico (VIEIRA, TENREIRO-VIEIRA e MARTINS, 2011).

Porém, a tradição didática mostra que os professores têm como foco em sua formação a reprodução de informações, sem terem compromisso com a instrução e a instrumentalização do cidadão. Assim, há algumas décadas, o lugar do professor caminhava para o desinvestimento, indo de encontro às propostas de cultura e lugares sociais atuais.

28

Este cenário tende a mudar. Pensar nas vicissitudes do ensino para o século XXI é, no mínimo, tarefa interdisciplinar. Não há como analisar as novas diretrizes da educação e o lugar do professor sem compreender, em primeiro lugar, o cenário político, social e cultural em que estas se sustentam. Pensar a formação do professor, tanto inicial como continuada, num cenário complexo como o da educação atual, implica muito mais do que dominar conteúdos para ensinar; implica, de uma forma mais ampla, formar um professor consciente de seu papel como sujeito-educador diante de um sujeito-aluno e prepará-lo para implementar ações e/ou mudanças necessárias nesta direção em suas práticas.

Neste trabalho discutiremos, teoricamente, como entendemos a formação de professores em tempos de mudança e qual a nossa hipótese para a contribuição da Psicanálise nesse contexto como referencial capaz de se articular com a educação, tendo em conta que a subjetividade e as relações transferenciais são inerentes ao campo educativo.

2. O CENÁRIO MUNDIAL NO ENTORNO DA EDUCAÇÃO

Tendo em vista as transformações globais, a União Europeia iniciou um processo de mudança no panorama e em relação aos objetivos do ensino superior que coadunam com a situação mundial. A partir da Declaração de Bolonha (1999), os países europeus comprometeram-se com a intersecção cooperativa do ensino entre seus territórios, visando à integração, qualificação e colaboração entre as instituições de ensino.

É fundamental salientar que todas estas mudanças foram inicialmente propostas pelos dirigentes da Educação dos países europeus, determinando o cunho político e econômico e conduzindo as reformas. As propostas da Declaração de Bolonha vão ao encontro das demandas mundiais no que tange à competitividade (pelo processo de globalização) e ao mercado econômico (decorrência da globalização), utilizando o sistema acadêmico como meio de acesso ao desenvolvimento europeu (HORTALE e MORA, 2004).

Este pensamento em relação ao ensino superior corrobora com a *Declaración mundial sobre la educación superior en el siglo XXI: visión y acción* (UNESCO, 1998), documento redigido a partir da Conferência Mundial sobre a Educação Superior, que também prioriza a universidade como instância de desenvolvimento. Será a partir da construção de um novo perfil de universidade que a sociedade poderá tornar-se mais competitiva e integrada ao processo de globalização, tanto social como economicamente.

A partir destes documentos, tem início uma grande alteração nos objetivos da universidade e da educação superior. O foco passa a ser a transformação de conhecimento em inovação e integração, tendo como missões básicas educar, formar e realizar pesquisa (CASTANHO, 2000).

Este movimento, nascido na Europa, chegou alguns anos depois à América Latina, que tem acompanhado as diversas discussões acerca das transformações do ensino para este século, tanto no que se refere aos projetos internacionais quanto às políticas públicas nacionais que visam ao desenvolvimento das esferas social, econômica e tecnológica.

O *Projeto Tuning*, braço latino-americano que segue os preceitos apontados pela Declaração de Bolonha, tem como objetivo fulcral a reflexão sobre práticas e modificações no ensino superior que levem ao desenvolvimento social e

técnico-científico, tanto em processo nacional quanto internacional, constituindo um potencial evolutivo (BENEITONE, 2007).

Entendendo a Universidade como mola propulsora de transformações socioeconômicas e para o ingresso num mundo desenvolvido, os governos das nações latinas passam a fomentar, na última década, políticas públicas permeadas por diversas propostas e programas direcionados para uma educação preocupada e atuante na esfera social: construir uma relação diferenciada com o ensino, preconizando o ensino superior voltado para o desenvolvimento da nação, para que se atinjam as metas sociais, econômicas e tecnológicas propostas mundialmente.

Para tanto, propõe-se uma educação interdisciplinar, compreendendo que o ensino tradicionalmente praticado não abrange a possibilidade de construção de novos saberes e o exercício de práticas cidadãs. A interdisciplinaridade proporciona uma visão mais abrangente dos fatos e surge como prática metodológica em oposição à especialização, prática vigente dos sistemas de ensino até então.

30

Este modelo, porém, ainda não é utilizado na totalidade das instituições de ensino superior. Existe certa resistência na adoção de práticas livres, autônomas e construtivas do ensino, como preconiza a reforma universitária. Esta é uma questão cultural, já que a educação foi direcionada durante muitos anos para uma prática voltada ao ensino-aprendizagem, ou seja, para a metodologia de transmissão de informação. Não houve, até então, preocupação com a construção do raciocínio crítico, com a concepção do todo, com o entrosamento de saberes.

Entretanto, entende-se que há duas premissas a serem consideradas nesse processo:

- a) Mesmo que a gênese das reformas educacionais tenha lugar em um viés político-econômico, o desenvolvimento humano deve guardar seu lugar entre os objetivos do ensino, observando especialmente o aspecto das relações interpessoais e
- b) O cuidado em relação à preparação dos atores (docentes, estudantes e sociedade), quando se pretende seguir na direção da construção do conhecimento, pressupõe o enfrentamento da cultura marcante da reprodução da informação.

3. PROFESSORES: AGENTES DE MUDANÇA

Levando-se em conta o papel fundamental da Universidade no processo de mudança na educação, é crível que os professores formados no novo conceito de ensino tornar-se-ão propagadores dos valores socioculturais nele embutido e assim pode-se assistir a uma nova sociedade. Desta forma, é responsabilidade dos professores participar ativamente das transformações educativas como interlocutores legítimos da execução das novas diretrizes (EVANGELISTA e SHIROMA, 2007).

Os professores do século XXI são elementos fundamentais não só na produção de conhecimentos, mas também na construção de processos de inclusão que respondam aos desafios da diversidade e no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias (NÓVOA e ESTRELA, 2009, p. 24).

Para tanto, entende-se que se não houver investimento constante na formação do docente, trazendo à tona a discussão das novas demandas apresentadas na sociedade moderna, não haverá como reformar efetivamente o ensino.

O escopo da formação do professor deve estar relacionado à interdisciplinaridade, construindo a possibilidade do exercício irrestrito da docência integrada às novas diretrizes da educação: cidadania, análise crítica e ética.

Mesmo que pareça que a postura interdisciplinar tenha nascido na sociedade contemporânea devido às inúmeras demandas de um mundo globalizado e competitivo, o ensino interdisciplinar data de tempos muito remotos. Na Grécia Antiga, a educação preconizava a construção de uma personalidade integral, não direcionada ao saber acumulativo. A disciplinarização tem início com Descartes e o modelo cartesiano, onde o conhecimento é reduzido a pequenas frações para que pudesse ser esgotado e especializado (JAPIASSÚ, 1977).

O movimento interdisciplinar inicia-se como recusa à metodologia disciplinar. Em vez de acumular o saber, é mais importante dispor de uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas e princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido (MORIN 2002, p. 22). Esta frase resume as principais críticas em relação à disciplinarização e à compartimentalização do conhecimento, bem como aponta a tendência atual da pedagogia e da didática para um ensino que compreenda a construção de um saber interdisciplinar.

A interdisciplinaridade acontece na integração entre as disciplinas de modo que o produto final seja diferente daquele encontrado inicialmente, isto é, a partir da comunicação interdisciplinar um novo saber é construído. Não basta unir disciplinas, é necessário edificar a relação e a comunicação entre elas. Desta forma, a interdisciplinaridade acontece a partir do diálogo (JAPIASSÚ, 1977).

A educação baseada no diálogo faz premente a necessidade de que a formação do professor também seja regida por este princípio. Construir diálogo demanda uma postura onde se considere a relação professor-aluno como uma relação sujeito-sujeito, premissa esta onde está sediada a Psicanálise.

Neste cenário justifica-se a Psicanálise como instrumento no processo de formação dos educadores, possibilitando a mudança do objetivo da educação: da tradição da informação para um lugar de transmissão e comunicação entre inconscientes (MACIEL, 2005). Esse lugar enfatiza a construção da relação ensino-aprendizagem por meio da construção da relação subjetiva professor-aluno, considerando estes atores em suas vicissitudes e desejos.

32

Dessa forma, entende-se que a partir do momento em que os aspectos integrais dos sujeitos sejam considerados durante o processo de ensino-aprendizagem (ser biopsicossocial e cultural), tornar-se-á possível a construção da relação subjetiva professor-aluno e, conseqüentemente, a construção do saber, mesmo dentro da diversidade.

Um caminho que nos parece possível trilhar nesta direção advém da formação de um professor que aprenda a ser reflexivo. Para Schön (1992), dado que os educadores não se encontram preparados para lidar com problemas reais porque a formação a que são submetidos nas universidades lhes é insuficiente para enfrentar criativamente as situações complexas das práticas reais, haveria a necessidade de se buscar uma nova epistemologia da prática profissional, a partir da qual se daria o exercício da reflexão. Ampliando um pouco o conceito de professor reflexivo, Zeichner (1992) entende que a atenção do professor não deve apenas se limitar à própria prática, mas ela deve abranger o contexto social, os valores e a cultura na qual ela se situa, no sentido de se desenvolver o respeito pela diversidade humana.

Nossa perspectiva neste trabalho é que a Psicanálise nos ajude ir um pouco além dessas proposições, partindo da ideia de uma formação docente que inclua também os aspectos das subjetividades dos sujeitos e das relações que estão

implicadas no ato educativo. Nesse formato, o professor é convidado a indagar-se para além dos objetos de reflexão que objetivamente (e habitualmente) lhes são propostos. O conceito psicanalítico de *transferência*, que será desenvolvido mais adiante, nos parece central nesse contexto, já que não se trata de uma dinâmica exclusiva da cena analítica, mas sim existente no cotidiano de todos e onipresente em todas as relações.

4. PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: ENCONTROS POSSÍVEIS

A Psicanálise tem como principal foco o ser humano: sua constituição e desenvolvimento. É importante deixar claro que em nenhum aspecto o saber da Psicanálise se encontra comprometido ou faz pacto com setores ou interesses econômicos ou políticos responsáveis pelo direcionamento das reformas para o ensino superior. A proposta é que a Psicanálise dê sua contribuição, ajudando-nos a observar e interpretar este novo cenário, em cujo interior se dão os processos relacionais advindos do encontro entre subjetividades, do encontro entre os atores da e na escola e na sociedade. A partir deste encontro é possível a realização de transformações no ser humano, tornando-o ciente de si e do outro, tanto em termos de possibilidades como de contradições.

33

Há muito tempo a discussão sobre o encontro entre a Educação e a Psicanálise se faz presente em ambos os campos. Até a primeira metade do século XX, a Psicanálise encontra a Educação essencialmente de duas formas: no auxílio à compreensão teórica do desenvolvimento humano e na assistência aos problemas de aprendizagem por meio da clínica infantil (ABRÃO, 2006).

Esta discussão, sob o ponto de vista psicanalítico, tem início com Sigmund Freud, médico austríaco que funda e desenvolve a teoria psicanalítica. Em *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud descreve o ser humano a partir de seu psiquismo, configurando seu funcionamento, neste primeiro momento, a partir de tópicos ou lugares. De acordo com a Primeira Tópica, o autor entende que o sujeito é constituído por três sistemas psíquicos que interagem: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente¹. A comunicação entre estes três sistemas

¹ Apenas para a compreensão do leitor, uma noção do vocabulário da Psicanálise: Consciente: sistema psíquico responsável pela recepção de estímulos provenientes tanto do meio externo quanto do meio interno, tornando-se, desta maneira, o lugar de processamento de processos perceptivos, cognitivos e motores; Pré-consciente: sistema mediador entre consciente e inconsciente; procura manter no inconsciente conteúdos que causam desprazer ou sofrimento ao sujeito; Inconsciente: sistema dinâmico que armazena os conteúdos recalçados.

é constante e, segundo a Psicanálise, o comportamento humano advém da interrelação destas instâncias (FREUD, 1900), ou seja, o comportamento, as escolhas, o modo de agir, a forma de falar são produtos da interação do inconsciente com as outras instâncias. Assim, tudo que se refere às relações humanas está integrado ao psiquismo e, conseqüentemente, pode ser explicado por ele.

Em 1912, em seu texto *Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise*, Freud espera ordenar o lugar do analista, propondo certa regulamentação da postura do analista diante da relação construída com o analisando. Não se trata de leis, senão de recomendações, já que Freud entende que não há como padronizar uma técnica que advém de uma relação. Esta demanda surgiu a partir de algumas experiências originadas durante os atendimentos psicanalíticos que suscitaram dúvidas em relação à postura profissional do próprio autor.

Tanto em *Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise* (1912) como em *Sobre o início do tratamento* (1913), o autor deixa clara a diferença entre regra e recomendação: a primeira diz respeito a uma imposição e a segunda “compreende (que) a extraordinária diversidade das constelações psíquicas envolvidas, a plasticidade de todos os processos mentais e a riqueza dos fatores determinantes opõem-se a qualquer mecanização da técnica” (FREUD, 1913, p. 139).

34

Na esfera da relação entre professores e alunos, algumas perguntas, alguns padrões, alguns limites tornam-se tênues durante o processo educativo, principalmente quando as questões saem da esfera didática. Analogamente, como na formação do analista, é imprescindível que os professores tenham acesso a diferentes possibilidades de ação, ou recomendações, para acolherem as demandas do alunado sem perder o foco da ação de ensino e aprendizagem.

Em 1914, em *Algumas reflexões sobre a psicologia escolar*, Freud compreende o encontro entre professor e aluno como uma relação *transferencial*, a mesma encontrada na prática da análise clínica. Dá-se o nome de *transferência* ao “processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se de uma repetição de protótipos infantis vivida com uma sensação de atualidade acentuada” (LAPLANCHE e POTALIS, 2002, p.514).

Durante alguns anos, a transferência foi erroneamente compreendida apenas como atualizações de experiências infantis nas relações do presente. Nesse sentido, no contexto escolar, o professor assumiria, transferencialmente, o papel parental, com ele o aluno poderia reviver as suas experiências afetivas familiares.

Este conceito é atualizado a partir de Lacan (1992), releitor de Freud, que afirma que a transferência é um fenômeno que atualiza a realidade inconsciente, modificando as relações do sujeito com seu inconsciente, ou seja, a cada nova relação, as experiências do inconsciente (reais para o sujeito, independentemente de serem verdadeiras) são revisitadas e modificadas, construindo, desta forma, novas experiências. Além disso, ressalta que na transferência a relação não é de reciprocidade e sim de disparidade entre os sujeitos em presença, ampliando o lugar da transferência: da relação analítica para a relação de sujeitos. Isto quer dizer que o simples fato de estar com alguém já é suficiente para constituir uma relação transferencial, independentemente da ligação que exista entre os sujeitos: o inconsciente atua antes mesmo da intenção de relacionar-se, e o faz, principalmente, diante de outro inconsciente.

Em 1925, quando escreve *Prefácio à juventude desorientada de Aichhorn*, Freud diz que os professores que se submetem à análise estariam melhor preparados para o trato com os alunos, auxiliando-os em seu trabalho de subjetivação, pois conheceriam o processo transferencial. Quando escreve *Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise: explicações, aplicações e orientações* (1933), Freud admite ter investido pouco no estudo da Psicanálise e educação, porém é neste texto que introduz a ideia de educação psicanalítica, no qual acredita que a partir de certo conhecimento sobre Psicanálise, o professor poderia se enredar mais seguramente pela relação construída com os alunos, de forma a facilitar o processo transferencial.

Segundo Kupfer (2001), considerar o sujeito na educação é colocar de lado as práticas reprodutoras de saber como objetivo central. Segundo a autora, o propósito principal de uma educação psicanalítica é “oferecer diversos objetos do mundo a serviço de um aluno que (...) escolherá nesta oferta aqueles que lhe dizem respeito” (p. 125). Desta forma, agir na educação sob a ótica psicanalítica é considerar o sujeito (professor e aluno) e suas faltas, sabendo que o resultado nunca será predeterminado.

Altarugio *et al* (2005) coadunam com tal proposta quando entendem que, além da formação teórica do professor, este deve estar preparado para lidar com

o imponderável e o incontrolável do processo de aprendizagem: “o paradoxo da educação consiste na impossibilidade de determinar qual escolha certa no ‘continuum’ entre o controle e o *laissez-faire*, pois somente ‘a posteriori’ isso pode ser vislumbrado” (p.34).

Segundo Jerusalinsky (*apud* REY, 1995), analisar como se constituem os laços sociais do sujeito pode ser um mecanismo eficiente para a compreensão das vicissitudes da educação. E a partir daí, pensar as relações ensino-aprendizagem como relações transferenciais, colocaria o educador em um lugar diferente do de um simples reproduzidor, tanto do conhecimento como das atitudes e dos procedimentos.

5. O PROFESSOR E A PSICANÁLISE

O encontro entre Psicanálise e Educação não pretende transformar professores em analistas. O intuito desta intersecção é proporcionar ao professor uma ampliação de seu olhar sobre as relações advindas de sua práxis, ou seja, o encontro entre Psicanálise e Educação é o encontro entre professores e alunos no âmbito da subjetividade.

36

As experiências cotidianas dos professores em sala de aula vão muito além do campo metodológico ou didático. O inusitado das relações, das vivências junto ao alunado e as demandas que emergem dessa situação fazem com que o professor lance mão de determinados comportamentos e decisões espontâneos, que não foram aprendidos e que são postos em prática em condições contenciosas (PEREIRA, SANTIAGO E LOPES, 2009).

É sobre este “saber que não se sabe”, que a Psicanálise pode cooperar com a Educação, pensando nos sujeitos em relação; sujeitos estes que não são limitados, acabados ou passíveis de pré-concepções. A Psicanálise diz do sujeito em movimento, da constituição em movimento, da imprevisibilidade do dia a dia, e também é sobre isso que tratam os professores em sala de aula: o singular e o inesperado da relação.

Acontece que o modelo educacional atual, mesmo depois das inúmeras propostas de reforma nos conteúdos e metodologias, continua reproduzindo o modelo positivista, onde o ensino ocorre de maneira vertical e os papéis devem ser bem definidos – professor como detentor do saber e aluno como aprendiz. Porém,

estes lugares são apenas teóricos: professor, ainda formado para comportar-se de acordo com o passado, não tem autonomia para o seu fazer; e os alunos, de acordo com a construção subjetiva contemporânea que enfatiza a individualidade, não reconhecem o lugar de aprendiz (e nem mesmo de sujeito!).

Considerando a educação e, principalmente, a relação professor-aluno, a transferência torna-se uma eficiente ferramenta para escutar este binômio. De acordo com diversos autores (CORREA, 2009; KUPFER, 2001; PEREIRA, 2009; REY, 2005), a relação transferencial entre professor e aluno passa pelo conceito de Sujeito Suposto Saber, elaborado por Lacan (1992a), onde situa o conceito de transferência em sua dimensão ética como suposição de saber. Isto quer dizer que na gênese de todo processo transferencial existe uma demanda de que o Outro possa me responder, pois é ele quem tem a resposta. Procuo o analista para que ele me ajude a resolver meus problemas; procuro o médico porque ele sabe curar minha enfermidade; procuro o professor porque ele detém o saber.

Quando traça o conceito de Sujeito Suposto Saber, Lacan (1992a) refere-se à falta que é fundante de todo ser humano: o saber que se supõe diz respeito à falta que se encontra em si mesmo e é a busca por tamponá-la que faz com que o sujeito se coloque em relação, buscando o Outro, a quem passa a amar por acreditar que tem o concreto para os seus buracos, já que ignora o próprio desejo.

Lacan, em *O Seminário 8: A transferência* (1992), usa como prerrogativa a discussão filosófica acerca do amor para fundamentar sua concepção: analisando *O Banquete de Platão*, Lacan entende o amor platônico como desejo e inspiração para a completude para se alcançar o Bem e a Virtude; já para a Psicanálise, o amor é a busca por encontrar (escondendo) no Outro aquilo que falta em mim. Ambos os amores, platônico e lacaniano, colocam o sujeito em movimento, na busca da integralidade, do conhecimento. E é a esse movimento que a Psicanálise chama de transferência.

Por outro lado, para resolver a transferência, o sujeito precisaria se desprender de uma espera da resposta do Outro, pois necessita entender que esta falta é parte fundante do Outro, uma demanda impossível de ser atendida.

Uma das maneiras possíveis para transformar esta dinâmica seria apresentar ao professor o conceito de transferência psicanalítica, pois este diz respeito

justamente à compreensão das relações humanas. Nesse caso, o professor (Outro) poderá se sentir menos angustiado ao confrontar as demandas dos alunos, sejam elas de saber, de ser ou de fazer, pois reconhecerá e agirá de acordo com suas limitações.

Acreditamos que caso o professor tenha contato com estes conceitos, poderia compreender muito do funcionamento do alunado e do seu contexto de vida, já que veria em seus comportamentos comunicações inconscientes, facilitando e aproximando a relação e a possibilidade de construção da educação. Da mesma forma, a partir de escuta da transferência, o professor também teria "acesso" aos seus conteúdos inconscientes pela observação das relações que se estabelecem em sala de aula, sendo esta escuta mais um instrumento para a reflexão da prática docente.

Na formação docente atual não há preparo para lidar com os conteúdos e demandas que emergem da relação transferencial, posto que esta é a natureza da relação humana. Na verdade, não há investimento acadêmico que leve os futuros educadores a refletir sobre a relação professor-aluno para além das questões didáticas, metodológicas e conteudistas. O professor é formado para transmitir informações e não para ampliar seu olhar sobre a relação constituída em sala de aula.

38

Atualmente fala-se em uma Educação que forme cidadãos, que prime pela ética e pelo respeito, porém não há ações efetivas que levem o professor a questionar estas posturas. Neste sentido, a Psicanálise possibilitaria, durante a formação docente, a integração destes fatores à sala de aula, já que pensa na constituição do sujeito e suas relações.

6. CONCLUSÕES

Para constituir as mudanças necessárias na educação a partir das demandas contemporâneas, aproveitando o momento atual de implementação de reformas significativas no ensino superior, é imprescindível investir na formação do professor. Se as ações atuais referentes ao processo ensino-aprendizagem preconizam a formação de um ser humano constituído a partir de conceitos como autonomia, crítica, ética e inovação, torna-se fulcral que os currículos voltados para a formação de professores adotem os mesmos termos.

Por sua vez, o professor só estará preparado para ser agente transformador se houver investimento em sua formação, instrumentalizando-o para as relações com o alunado. É por esta razão que se entende que a Psicanálise seria instrumento facilitador deste processo, pois oferece condições e técnicas para que o professor compreenda os educandos em sua singularidade, além de construir uma relação que fomente a construção subjetiva do ser humano em todas as suas esferas.

O ensino é realizado por humanos: os que ensinam e os que aprendem, independentemente do papel de professor ou aluno. Desta forma, estará sempre à mercê do imprevisível, do inesperado. Saber lidar com estas situações seria fortalecedor para o professor e é justamente esta a proposta psicanalítica para o ensino: poder pensar e transitar pela subjetividade, pelas demandas do alunado, bem como as por suas próprias demandas, a partir do que é estabelecido pelas relações transferenciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO, J. L. F. (2006). As influências da Psicanálise na educação brasileira no início do século XX. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Vol. 22, Issue 2, p. 233-240.
- ALTARUGIO, M. H.; VILLANI, A.; MRECH, L. M.; FALJONI-ALARIO, A. (2005). Educar para a realidade: um desafio na formação de professores. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, Bauru - SP, Vol. 5, Issue 1, p. 17-36.
- BENEITONE, P. (2007) Reflexões e perspectivas do Ensino Superior na América Latina: Relatório final – Proyecto Tuning – América Latina. Univesidade de Deusto e Universidade de Groningen, 2007.
- CASTANHO, S. (2000). A educação superior no século XXI: comentários sobre o documento da Unesco. *Interface (Botucatu)*, Vol. 4, Issue 7, p. 163-166.
- CORREA, C. R. G. L. (2009). Educação: ensino ou transmissão? *Estilos da Clínica*, Vol. 14, Issue 27, p. 190-207.
- DECLARAÇÃO DE BOLONHA (1999). <<http://www.aauab.pt/bolonha/declaracaobolonha.pdf>>. [Consulta: ago. 2012]
- EVANGELISTA, O.; SHIROMA, O. E. (2007). Professor: protagonista e obstáculo da reforma. *Educação e Pesquisa*, Vol. 33, Issue 3. p. 531-541.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. (1900). In: Freud, S. *Edição Standart Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. VII.

- _____. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. In: Freud, S. *Edição Standart Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XII.
- _____. (1913). Sobre o início do tratamento. In: Freud, S. *Edição Standart Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XII.
- _____. (1914). Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. In: Freud, S. *Edição Standart Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XIII.
- _____. (1933). Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise: explicações, aplicações e orientações. In: Freud, S. *Edição Standart Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXII.
- _____. (1926). A questão da análise leiga. In: Freud, S. *Edição Standart Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XX.
- HORTALE, V. A.; MORA, J. G. (2004). Tendências das reformas da educação superior na Europa no contexto do processo de Bolonha. *Educ. Soc.*, Vol. 25, Issue 88, p. 937-960.
- JAPIASSÚ, H. F. (1977). *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago.
- KUPFER, M. C. (2001). *Educação para o futuro: Psicanálise e educação*. São Paulo: Escuta.
- LACAN, J. (1992). *O Seminário, Livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1992a) *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. (2002). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- MACEDO, A.R. (2005). Educação superior no século XXI e a reforma universitária brasileira. *Ensaio: aval.pol.publ.Educ.*, Vol. 13, Issue 47, p. 127-148.
- MACIEL, M. R. (2005). Sobre a relação entre educação e Psicanálise no contexto das novas formas de subjetivação. *Interface (Botucatu)*, Vol. 9, Issue 17, p. 333-342.
- MRECH, L.M. (2002) *Psicanálise e Educação: novos operadores de leitura*. São Paulo: Pioneira.
- NÓVOA, A.; ESTRELA, A. (2009). *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa.
- PEREIRA, M. R.; SANTIAGO, A. L. B.; LOPES, E. M. T. (2009) Apresentação do dossiê Psicanálise e Educação. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, Vol. 25, Issue 1, p. 139-148.
- REY, S. (2005). O que a Psicanálise nos ensina, como ensiná-lo? In: Onde fala um analista. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Vol. 12, Issue 29.
- SCHÖN, D. A. (1992) Formar professores reflexivos. In: Nóvoa A. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, p. 79-92.

- UNESCO. (1998). Declaración mundial sobre la educación superior en el siglo XXI: visión y acción. Unesco. <http://www.unesco.org/education/educprog/wche/declaration_spa.htm#declaracion>. [Consulta: ago. 2012]
- VIEIRA, R. M.; TENREIRO-VIEIRA, C.; MARTINS, I. P. (2011). Critical thinking: Conceptual clarification and its importance in science education. *Science Education International*, Vol. 22, Issue 1, p. 43-54.
- ZEICHNER, K. (1992) Novos caminhos para o practicum: uma perspectiva para os anos 90. In: Nóvoa A. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, p. 117-138.

